

TERRITÓRIO (E MEMÓRIA) ATRAVÉS DO OLHAR DOS MORADORES: OFICINA DE MAPAS MENTAIS COM IDOSOS¹

*TERRITORY (AND MEMORY) FROM THE RESIDENTS' PERSPECTIVE:
MENTAL MAPS WORKSHOP WITH OLDER ADULTS*

BEATRIZ ALVES GOULART ROCHA, CLAUDIA DOS REIS E CUNHA

RESUMO

Compreende-se a importância de se discutir a preservação do patrimônio cultural – mais especificamente urbano – em cidades de pequeno porte e fundação recente, muitas vezes carentes de políticas patrimoniais, como no caso da cidade de Patrocínio Paulista (SP), reconhece-se na articulação entre comunidade e governo, um princípio fundamental para ações mais adequadas ao contexto local. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo a compreensão sobre o que os próprios moradores consideram patrimônio cultural do município, e que seja representante de seu cotidiano e de suas memórias. Sendo assim, a partir de uma das metodologias utilizadas durante uma pesquisa de mestrado, através do desenvolvimento de mapas mentais, buscou-se refletir sobre a narrativa (representada graficamente) da geração que há mais tempo vivencia o local, os idosos. Dessa forma, por meio de uma análise atenta, percebe-se uma leitura muito mais afetiva da cidade, próxima de sua realidade, de suas alterações ao longo do tempo e dos elementos identitários que a compõem, buscando, também, superar a ideia histórico-estilística – baseada nos princípios de excepcionalidade – frequentemente vinculada aos processos de patrimonialização praticados há décadas no país.

PALAVRAS-CHAVE: Idosos. Memória. Oficinas patrimoniais. Território.

ABSTRACT

We understand the importance of discussing the preservation of cultural heritage – more specifically urban – in small, recently founded cities, often lacking heritage policies, as in the case of Patrocínio Paulista (SP), and we recognize the articulation between community and government, a fundamental principle for actions that are more appropriate to the local context. In this sense, this work aims to understand what the very residents consider the city's cultural heritage and represents their daily lives and their memories. Thus, from one of the methodologies used during a master's research, through the development of mental maps, we aimed to reflect on the narrative (graphically represented) of the generation that has lived in the place for the longest time, namely, older adults. As a result, through a careful analysis, a much more affective reading of the city is perceived, close to its reality, its changes over time, and its underlying identity elements, also seeking to overcome the historical-stylistic idea based on the principles of exceptionality often linked to heritage processes in the country for decades.

KEYWORDS: Older adults. Memory. Heritage workshops. Territory.

INTRODUÇÃO

ESTE ARTIGO PARTE de uma pesquisa de mestrado que tem como objetivo principal problematizar e incentivar a preservação do patrimônio cultural em cidades de pequeno porte e fundação recente, que muitas vezes ficam à margem das políticas preservacionistas de forma institucionalizada.

Desde sua origem, as políticas de salvaguarda no país estão calcadas nas leituras de valores estético-históricos do patrimônio urbano e arquitetônico, o que exclui vasta gama de bens culturais do rol dos objetos patrimonializáveis². Nesse sentido, ao analisar o processo de criação e as primeiras ações de diversos órgãos de preservação do patrimônio no Ocidente, incluindo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Márcia Chuva descreve que:

Embora nesse processo se dê a incorporação de profissionais de diversas áreas, a característica do momento de fundação das práticas de preservação do 'patrimônio nacional' no mundo ocidental foi a sua *monumentalização*, tendo sido consagrados como monumentos, essencialmente, os objetos arquitetônicos (CHUVA, 2017, p. 39 grifo nosso).

Nacionalmente, ainda que a Constituição Federal de 1988 considere o patrimônio de forma ampla, e que o país tenha avançado muito ao estabelecer uma política de preservação dos bens imateriais, as práticas demonstram que, em relação às políticas direcionadas aos bens materiais, os avanços são menos expressivos, recaindo ainda em juízos de valor estilístico e histórico, ancorado na noção de excepcionalidade. Assim, muitas memórias acabam obliteradas na construção do corpus patrimonial nacional (FONSECA, 2009).

Nesse sentido, toma-se como cidade de estudo Patrocínio Paulista, localizada no interior do Estado de São Paulo e fundada às margens dos rios Sapucaizinho e Santa Bárbara, com origem fortemente relacionada às atividades de garimpo. Foi elevada à vila em 1885 e, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020), conta com aproximadamente 14 mil habitantes.

Alguns estudos específicos sobre a preservação do patrimônio local demonstraram que, no ano de 2009, criou-se o órgão de preservação municipal, denominado CONDEPHAA (Conselho de Patrimônio Histórico, Artístico e Arquitetônico) de Patrocínio Paulista, um dos fatos que revela a demanda por políticas de salvaguarda na cidade³.

Porém, conforme explicitam as atas do Conselho, desde sua criação encontraram-se muitas dificuldades relacionadas às características da pequena cidade, como por exemplo, sua expressão arquitetônica modesta, pouco vinculada à imagem "monumental" de patrimônio arquitetônico comumente procurada nos bens a serem tutelados. Dessa forma, percebe-se que as iniciativas tomadas pelo órgão se limitaram à tentativa de aplicação de instrumentos tradicionais, especialmente o tombamento, mas que acabaram não se efetivando,

o que fez com que o Conselho se esvaziasse e deixasse de atuar desde o final do ano de 2016.

Neste cenário, considera-se fundamental um olhar mais atento para novos instrumentos e ações mais adequados às características do local, considerando principalmente a articulação entre a comunidade e o governo. Tratando-se do patrimônio imóvel⁴, mais especificamente urbano, entende-se a necessidade de observar esta cidade de um modo mais amplo, não apenas através de elementos “monumentais” isolados, mas principalmente atentando-se às vivências da população no território, contemplando aspectos do cotidiano e da memória que se estratificaram em diversos elementos urbanos, tais como o arruamento, a estrutura fundiária, as relações entre urbano e rural, dentre outros, além de considerar as práticas sociais vinculadas aos lugares.

Sendo assim, na pesquisa de mestrado citada, foram feitas diversas atividades de Educação Patrimonial, a fim de compreender o que os próprios moradores consideram elementos urbanos (e rurais) fundamentais para a identidade e memória local. Dentre essas atividades, objetiva-se neste artigo abordar a cidade e sua memória a partir das “lembranças de velhos”⁵, que acompanharam as modificações urbanas e muitas vezes são os únicos portadores de algumas lembranças, tornando-se “arquivos vivos” e condutores de um saber essencial no processo de salvaguarda do patrimônio urbano. Essas lembranças foram evocadas em oficinas com idosos de Patrocínio Paulista e representadas através de mapas mentais.

Esse saber a ser transmitido é imbuído de uma “função social”, visto que, como aborda Halbwachs (BOSI, 2015, p. 63), diferentemente dos mais jovens, ativos, que lidam com o “lembrar” como momento para o descanso do trabalho, os mais velhos, distantes das atividades laborais, passam a se perceberem como responsáveis por darem continuidade ao que gerações anteriores viveram, e o “lembrar” e o “contar” começam a ser percebidos como trabalho (principalmente quando eles têm espaço para isso).

Dessa forma, esse trabalho se vincula ao espaço e o tempo vivenciados pelos idosos em sociedade, pelo fato de viverem há mais tempo em grupo e em determinados locais, sendo que, ao final do estudo, os apontamentos feitos por eles foram mapeados sobre o território de Patrocínio Paulista, com a finalidade de compreender o espaço narrado da cidade, além de documentá-lo. A memória que carregam se faz necessária para a identidade e pertencimento do grupo ao meio em que habita, não apenas para essa faixa etária específica, mas para a comunidade local em geral.

MEMÓRIA URBANA E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA A PARTIR DOS MAPAS MENTAIS

Os mapas mentais são instrumentos de representação visual estudados por muitos autores ao longo do tempo⁶, e possuem diversas formas de aplicação em diferentes áreas de conhecimento. Nesta pesquisa, destaca-se, especificamente,

a relevância desse tipo de representação para o tratamento dos lugares a partir das percepções de quem os vivencia, abordagem que, segundo Micrute e Kashiwagi (2016, p. 9), Kevin Lynch foi um dos primeiros a investigar em seu livro “A imagem da cidade”. Segundo as autoras, “Lynch verificou que essa forma de representação era muito eficiente, pois mostra não só a representação da paisagem, mas também uma realidade que não está escrita em nenhum lugar, mas na vivência de cada um” (MICRUTE; KASHIWAGI, 2016, p. 9).

Dessa forma, principalmente em estudos sobre a leitura do território pelos moradores de determinados locais, tanto na Geografia quanto no Urbanismo, os mapas mentais são amplamente utilizados.

Nesse sentido, há uma tendência em entender que mapas mentais se tornam mais densos e ricos quando os aproximamos dos espaços de intimidade da pessoa. Os *lugares de vivência* possuem elementos, resguardados pela experiência e memória, suficientemente claros para classificar uma variabilidade de termos relacionados ao ambiente em questão (DE PAULA, 2010, p. 6).

Com base também nessa exploração da memória para a confecção dos mapas, fica clara a relação de espaço-tempo contida nesse tipo de representação. Dessa forma, tratando-se das discussões sobre preservação do patrimônio urbano, é possível, a partir desse instrumento, registrar a percepção atual sobre o ambiente, “presentificando” o passado, e mostrando fragmentos do território que fazem sentido na vida de quem os desenha.

Além disso, ao desenhar, o autor do mapa mental decide como contar a história a partir de sua própria maneira, sem interferências na narração, principalmente quando há mais liberdade referente à representação. O exemplo pode ser verificado nas práticas que serão abordadas neste trabalho, em que, ao desenharem a “imagem da cidade” a partir de memórias individuais, aparecem percursos do cotidiano com a demarcação dos espaços de trabalho e residências, lembranças de trajetos do passado, edificações isoladas e contextos distintos, mas que muitas vezes coexistem e correspondem a lugares fundamentais para a “memória-coletiva” da comunidade que compartilha o mesmo espaço urbano.

Sendo assim, destaca-se a importância dessas atividades que procuram compreender o que tem significado para determinada pessoa, em relação ao tempo e espaço que ela ocupa, para que, de certa forma, ajude a compreender o todo (ou grande parte dele) de forma menos superficial (muitas vezes desconcontextualizada), visto que, “Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 2015, p. 411).

Ademais, a ferramenta do mapa mental é muito útil para as pesquisas com tempos racionalizados, já que a maneira de “contar histórias” é muito mais sintética e aumenta a possibilidade de maior abrangência, especialmente tratando-se

de pessoas com mais tempo de vida e mais experiências para com o lugar, como no caso dos moradores idosos.

Nessa busca pelo que é mais significativo para representar o lugar e selecionar – dentre suas vivências – a “história” que considera mais importante “contar”, o idoso volta o seu olhar para a cidade e percorre lembranças que ampliam a reflexão sobre as mudanças (ou não) ocorridas no território. Sendo assim, trazem à tona noções como memória e identidade e, conseqüentemente, auxiliam com os seus saberes (que trocam através do desenho no papel) nas discussões sobre as modificações do ambiente urbano (e mesmo rural). “Nesse sentido, a construção desses mapas permite uma caminhada no passado, mas com forte atenção para o presente, fazendo com que os(as) idosos(as) possam perceber as transformações vividas pela cidade ao longo do tempo” (LEANDRO; CANTO, 2019, p. 79).

Mais do que isso, considera-se a influência dessas discussões acerca das modificações nas cidades como referência para as possíveis intervenções e práticas sobre o patrimônio urbano, já que os “suportes”⁷ materiais encontrados no presente para que essas memórias sejam transmitidas e compreendidas por outras gerações são notadamente importantes nesse processo.

OFICINA DE MAPAS MENTAIS: PERCEPÇÃO DE IDOSOS DE PATROCÍNIO PAULISTA

Com foco nos “lugares de memória”⁸ importantes para a comunidade de Patrocínio Paulista, buscou-se, a partir dos mapas mentais, a representação dos elementos do território, sejam eles urbanos ou rurais, que fazem parte da trajetória de vida dos moradores, quer em parte do cotidiano, quer de elementos do passado que continuam sendo importantes para essas pessoas e seu sentido de pertencimento ao local na contemporaneidade.

Ressalta-se que só o fato de buscar na memória algo que seja significativo para representar graficamente já é uma evocação do passado, seja ele mais recente ou mais distante, de exemplares que ainda existem ou dos que já não estão mais presentes fisicamente, mas que fazem parte de uma lembrança consolidada (que vai se atualizando a partir dos suportes materiais do presente).

Como poderão ser analisadas a partir dos resultados das oficinas, essas diferenças de representações entre os participantes (do que ainda existe e do que está apenas na memória) aparecerão claramente, mas o mais importante para esse trabalho é compreender a percepção atualizada dos moradores do local, mostrando o que faz sentido na vida deles ainda hoje e, portanto, o que seria relevante para uma possível política de preservação do patrimônio urbano.

Destaca-se ainda que essa estratégia de aproximação com o patrimônio edificado da cidade deixa em segundo plano as tradicionais concepções de caráter estético e/ou histórico, normalmente adotadas como critério de valor em políticas de preservação patrimonial. Os valores sociais da memória e da cidade emergem com força e podem representar uma ferramenta muito mais efetiva

de consagração do patrimônio, na medida em que fazem sentido ao grupo que o produziu e produz cotidianamente.

Assim como inicialmente abordado, buscou-se trabalhar essas questões a partir das vivências de pessoas idosas, pela importância de compreender a cidade (entendida como processo histórico e, portanto, relacionada a permanência-mutação) através de sua percepção, suas mudanças e implicações, o tipo de relacionamento que essas pessoas construíram ao longo do tempo com a cidade, se elas se sentem pertencentes ao local por conta desses suportes materiais representados pelos elementos urbanos (sentindo falta deles ou consagrando sua existência) ou simplesmente compreendem as novas paisagens como suficientes para seu sentimento de pertencimento.

Por uma questão de viabilidade de trabalho, os mapas mentais foram desenvolvidos por familiares, algumas pessoas conhecidas, mas em maior parte com um grupo de idosos que participa do programa desenvolvido pelo Fundo Social da Prefeitura de Patrocínio Paulista denominado “Jovens Vividos”⁹. Ao todo, somam-se 31 participantes, sendo que, em alguns casos, como o feito por duas irmãs, a folha dos mapas foi compartilhada. Porém, deve-se considerar que cinco mapas feitos por participantes do grupo “Jovens vividos” não tratam de Patrocínio Paulista, visto que, como relatado, moravam havia pouco tempo na cidade e não possuíam um vínculo muito grande com o local, sendo assim, representaram as cidades com as quais mais se identificavam. Considera-se, portanto, que apenas 26 desenhos (25 folhas) são referentes à Patrocínio Paulista, a partir dos quais procurar-se-á apresentar a “imagem da cidade” que se delinea no que foi representado¹⁰.

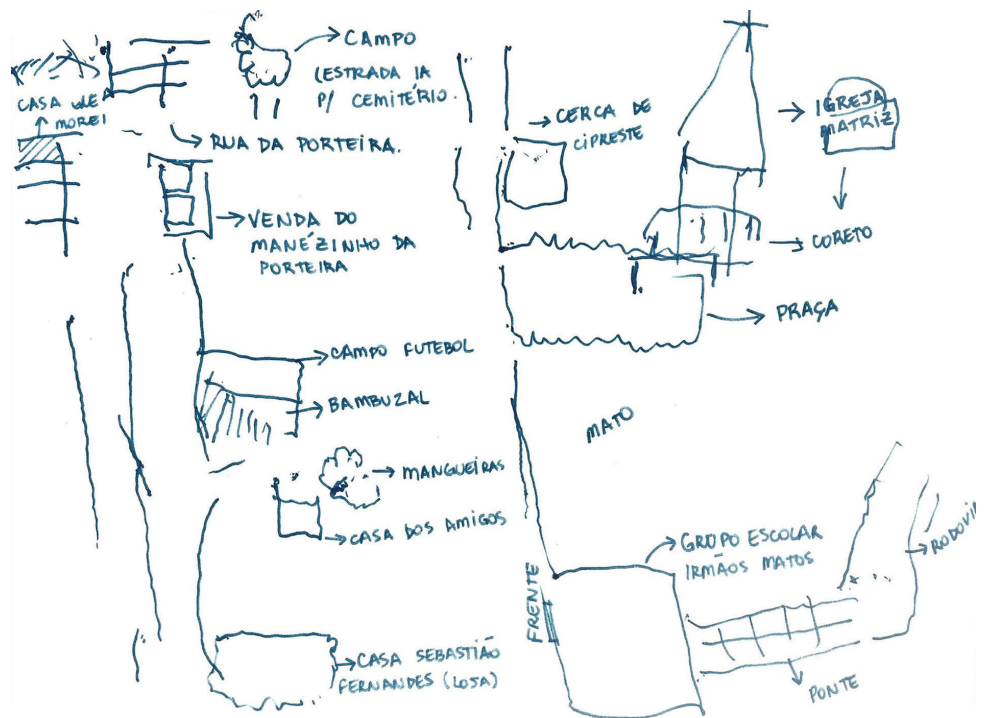
Como um primeiro contato com a experiência dos Mapas Mentais, e de maneira a compreender melhor como se daria a oficina com o grupo dos “jovens vividos”, M. A. M. A., avó de uma das autoras, com 88 anos de idade, apesar de suas limitações visuais, se mostrou disposta a compartilhar, a partir de suas representações gráficas (complementadas por escritos correspondentes aos desenhos, feitos posteriormente, a pedido dela), algo que demonstrasse sua vivência e história na cidade, e o que ela considerava importante para a sua identidade com o local (*Figura 1*).

Segundo ela, essa é a representação do caminho que fazia da casa em que morou quando era criança (quando tinha aproximadamente 9 anos) até a escola, conhecida há tempos como “Grupo Escolar Irmãos Mattos” (atual E.M.E.B Irmãos Matos). Apesar de alguns pontos desenhados já não se encontrarem presentes na cidade atualmente (como a Venda do “Manézinho da Porteira”, o campo de futebol e o “bambuzal”), o percurso é muito claro para quem conhece Patrocínio Paulista.

A “Rua da Porteira” e as ruas referentes às atuais Av. Carlos Gomes e R. Coronel Antônio Jacinto (identificadas pelos edifícios apontados em seu entorno) se fazem muito presentes nas memórias e no cotidiano dos patrocínenses, e foram também representadas em outros mapas mentais. Além disso,

FIGURA 1 — Mapa mental de M.A.M.A., 88 anos.

Fonte: Autoras (2020).



a “Casa/Loja do Sebastião Fernandes”, principalmente o conjunto da Praça principal com seus coretos (que não existem mais), a Igreja Matriz, e a escola Irmãos Matos foram encontrados na maior parte das representações feitas pelos outros idosos.

É importante notar, também, como a evolução urbana é representada por ela ao deixar um “vazio” no desenho ou mesmo para representar o início dele, e pedir para que se destacasse que ali era “campo” ou “mato” entre sete ou oito décadas atrás. Além disso, é possível ver a “entrada” da cidade pela “porteira” e seu percurso até a “saída” com a Ponte sobre o Rio Sapucaizinho em direção à Rodovia (saída para Franca, SP).

Essa primeira experiência foi muito importante para compreender, dentre todas as histórias contadas pela senhora, qual ela escolheu para representar melhor a relação de suas memórias e vivências com a cidade, ou seja, pontos que ela considera importantes. Além disso, tornou-se um exemplo para os participantes da “oficina de mapas mentais” de que a maneira de representação (com desenhos muito elaborados) não era o mais importante, mas sim o que gostariam de destacar.

Sendo assim, o encontro com o grupo “Jovens Vividos” para a realização dos Mapas Mentais aconteceu na manhã do dia 22 de janeiro de 2020, no auditório Municipal e, apesar de as reuniões do grupo acontecerem semanalmente, a quantidade de alunos varia conforme o dia, portanto, estavam presentes 22 pessoas, estritamente mulheres (por isso, posteriormente, o trabalho se estendeu para além desse grupo, de forma a contar também com as colaborações de homens).

De início, conversou-se sobre o intuito da atividade a ser realizada e, antes de começarem a desenhar, sempre se justificavam com falas como: “Não enxergo

mais”, “Não sei desenhar”, “Não consigo fazer mais isso”. Porém, conforme desenhavam, trocavam as experiências entre si, davam palpites, chamavam para contar melhor o que queriam representar, muitas vezes já iniciando narrativas para além dos mapas, e pediam opiniões também.

Ao longo das atividades, a maioria parecia se orgulhar de suas lembranças, e, mesmo que pedindo para “desconsiderarem” a forma dos desenhos, mostravam afeto com o que estavam fazendo. Dessa forma, foi possível compreender o quanto essa etapa da participação aproxima as pessoas de qualquer processo relacionado ao lugar que elas vivem e, mais do que isso, essa “troca de saberes”, a partir de suas memórias, valoriza e estimula o interesse pelo assunto. “O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância” (BOSI, 2015, p. 82).

É possível perceber, em cada um dos mapas produzidos, a especificidade da “narração” de seus olhares para a cidade, encontrando-se desenhos que expressam de uma maneira mais geral os caminhos percorridos, outros identificam suas residências no percurso, alguns apontam o traçado e o nome das ruas, e outros simplesmente trazem objetos ou edificações isolados.

De maneira significativa, o exemplo mais “citado” é a Igreja Matriz, aparecendo em 13 mapas (tanto isolada no desenho quanto inserida em um trajeto), ou seja, mais do que a metade do total. Porém, o significado desta edificação para cada um varia de caso para caso, a mesma igreja é rememorada ora como espaço de devoção, ora como ambiente de trabalho, ora como espaço de sociabilidade, mostrando que o patrimônio é receptáculo de diversificados significados e sentidos, nunca suporte de um discurso unívoco.

Nos próximos mapas, é possível perceber que a Igreja Matriz é, geralmente, representada em conjunto com a praça central ou mesmo com a escadaria que fica à sua frente. Mas, além disso, em todos eles, a casa do autor (atual ou que morou há algum tempo) está presente.

No primeiro (*Figura 2*), M. F. representou como eram as ruas sem asfalto e os muros de bambus que delimitavam as casas quando era criança, sendo que ainda mora na mesma rua. Além do mais, na sua representação da praça central, dá destaque à fonte e ainda escreve a palavra “água” ao lado. É perceptível o significado que essa fonte, atualmente sem funcionamento, tem para ela quando, ao explicar o desenho, diz que a fonte representa a memória de Patrocínio Paulista, “porque antigamente funcionava, os jovens andavam ao redor dela depois da missa...”, aparecendo também em outros mapas.

Além de desenhar com detalhes específicos os locais que marcam sua memória, Â. V. faz algumas anotações que mostram a relação que ela tem com eles (*Figura 3*). Com a igreja ao centro do desenho (mesmo que as outras edificações não se localizem necessariamente em seu entorno), aponta sua casa ao lado da Praça do Centenário e ainda coloca que, na época, ela ainda não tinha flores.

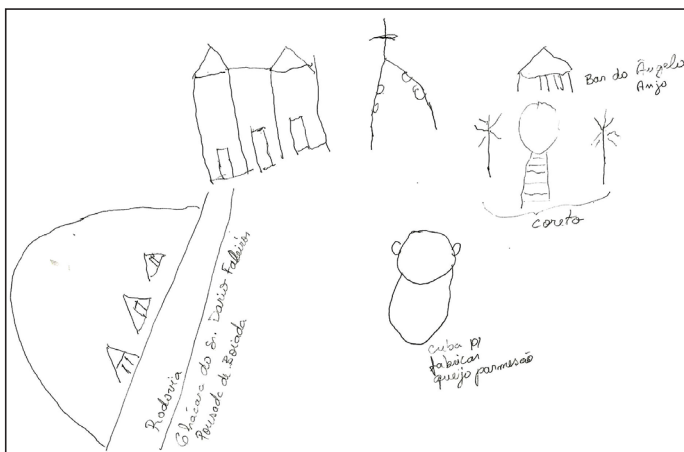


FIGURA 4 — Mapa mental de A. F., 71 anos.

Fonte: Autoras (2020).

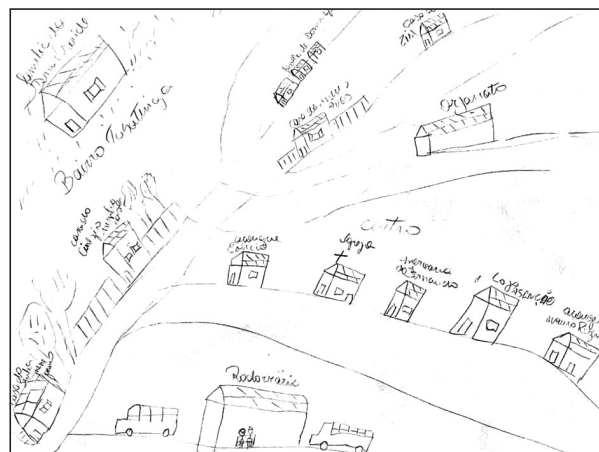
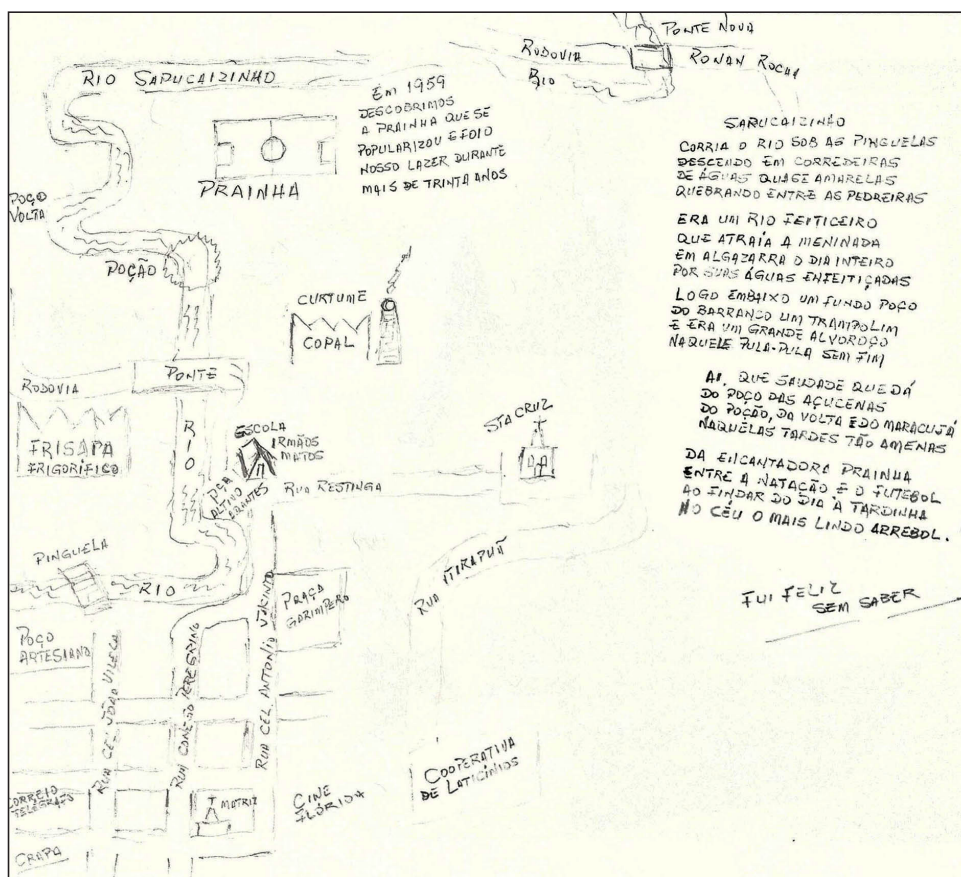


FIGURA 5 — Mapa mental de M. O., 48 anos (Grupo Jovens Vivos).

Fonte: Autoras (2020).

FIGURA 6 — Mapa mental de S. F., 75 anos (Grupo Jovens Vivos).

Fonte: Autoras (2020).



possível perceber grande parte do bairro Tabatinga, com mapeamento de casas de pessoas conhecidas, de pontos comerciais, e até mesmo da Rodoviária, muito presente no cotidiano dos patrocínenses que trabalham e fazem muitas de suas compras nas cidades vizinhas, especialmente em Franca – SP.

Voltando-se para a história de Patrocínio Paulista, percebe-se que há na cidade, desde sua origem, forte relação com a religiosidade, materializada pelas igrejas, sendo que, para além da matriz, alguns mapas apresentam as igrejas católicas de São Sebastião e da Santa Cruz. Além disso, deve-se reconhecer que

o garimpo faz parte de sua fundação, mas enquanto representação nos mapas mentais, não é muito citado, mesmo que a cidade seja conhecida como “Terra do Diamante” e tenha uma grande estátua de um garimpeiro em sua área central.

Deve-se observar que esta estátua foi erguida em meados da década de 1980, em comemoração ao centenário da cidade, e que, mesmo algumas décadas depois, não se mostra um elemento tão representativo da memória local para os idosos, apesar destes comporem a geração mais próxima cronologicamente das atividades do garimpo. Nota-se que apenas a “Praça do garimpeiro” aparece no percurso representado por S.F. na *Figura 6*. Ou seja, mesmo no seu sentido “comemoracionista” de origem da cidade, ou buscando a afirmação de sua imagem vinculada à estátua em propagandas do município, ela não se mostra um elemento representativo das vivências dos participantes¹¹. A história oficial e celebrativa não se confunde com a memória (desta geração), ao menos no que se percebeu a partir dos mapas mentais analisados.

Em contrapartida, o rio Sapucaizinho, que, além de abrigar estas atividades de garimpo que deram origem à cidade, foi fundamental no processo de evolução urbana, aparece de forma significativa nas representações gráficas. Em alguns mapas, o curso d’água aparece de forma isolada, mas, no de S. F. (*Figura 6*), o Rio Sapucaizinho se mostra como parte de um percurso possivelmente muito presente na vida do autor.

Dessa forma, S. F. representa o traçado urbano com destaque para alguns elementos, como a Escola Irmãos Matos, as igrejas Santa Cruz e Matriz, o Cine Flórida, o salão paroquial CRAPA (Centro de Recreação Assistencial de Patrocínio), o Correio, a Cooperativa de Laticínios, o frigorífico e o Curtume Copal, mas valoriza o curso d’água que margeia a cidade, destacando suas pontes, “pinguelas”, “poções” e curvaturas. Ressalta a data de 1959, que, segundo ele, foi o ano que “descobrimos a Prainha que se popularizou e foi o nosso lazer durante 30 anos”. De forma muito pessoal, ao ser perguntado sobre o que considera mais representativo de Patrocínio Paulista, ele responde: “Meu rio Sapucaizinho”, e, ao lado de seu desenho, escreve:

Sapucaizinho

Corria o rio sob as pinguelas
descendo em corredeiras
de águas quase amarelas
quebrando entre as pedreiras

Era um rio feiticeiro
que atraía a meninada
em algazarra o dia inteiro
por suas águas enfeitçadas

Logo embaixo um fundo poço
do barranco um trampolim
e era um grande alvoroço
naquele pula-pula sem fim

Ai, que saudade que dá
do poço das açucenas
do poção, da volta e do maracujá
naquelas tardes tão amenas

Da encantadora prainha
entre a natação e o futebol
ao findar do dia à tardinha
no céu o mais lindo arrebol.

Fui feliz sem saber.

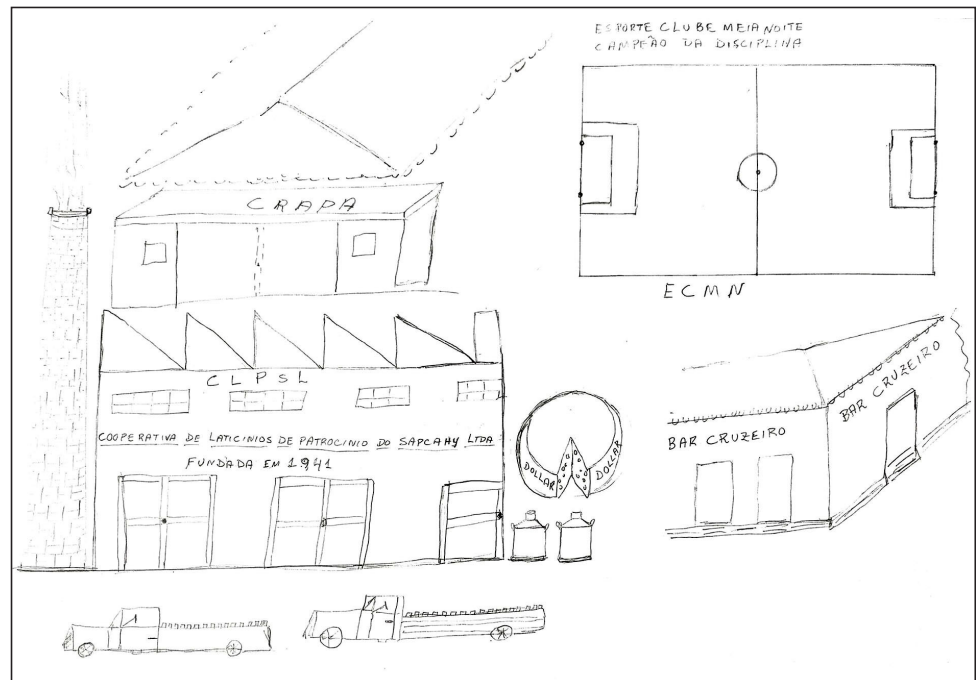
(S.F., 2020)

Para além do rio, alguns mapas representam as fazendas da região, sendo perceptível a relação entre a área urbana e a zona rural em cidades pequenas, principalmente compreendendo que grande parte dos idosos nasceram e passaram parte da vida morando em fazendas. Por outro lado, mesmo com essa forte relação com a zona rural ainda hoje, alguns mapas indicam uma paisagem “industrializada” de Patrocínio Paulista.

Ao ser questionado sobre o que S. V. acredita que mais representa a cidade, sua resposta foi: “Sua história baseada na economia, no início extrativista, depois agrícola e pecuária e atualmente industrial”. Porém, compreende-se a relação de vivência profissional marcando essas memórias. Na *Figura 7*, S. V. representa a Cooperativa de Laticínios, local onde trabalhou por muitos anos. Assim aconteceu também em outras figuras já citadas e em alguns mapas com a representação do frigorífico (hoje sem funcionamento) e dos Curtumes Copal, Treat e Finipelli.

FIGURA 7 — Mapa mental de S. V., 76 anos.

Fonte: Autoras (2020).



Assim como alguns mapas apontam um trajeto ou trazem elementos de forma separada na folha, outros apontam elementos específicos que são considerados importantes na trajetória dessas pessoas na cidade, seja por trabalho, lazer, moradia ou fragmento de uma paisagem bastante frequente em suas vidas. Um exemplo disso é demonstrado em um dos mapas, realizado por uma professora aposentada, que contém praticamente todas as escolas de ensino fundamental e médio da cidade (E.E. Jorge Faleiros, E.M.E.B Irmãos Matos e E.M.E.B Luis Andrade de Freitas), além de escolas das cidades vizinhas e da zona rural.

Finalmente, no mapa mental de A. M., é representado o prédio da delegacia, antiga casa de câmara e cadeia, que se localiza na Praça da Bandeira.

A construção em estilo eclético é uma das que melhor mantém suas características na cidade, contudo nota-se que, neste caso, a memória do edifício se relaciona muito mais com as vivências de A. M. do que se restringindo às características arquitetônicas, visto o destaque dado ao pipoqueiro que frequentava o local, até mesmo tratando-se da proporção em que ele é desenhado (*Figura 8*).

Após a oficina e a análise dos mapas, todos os elementos abordados pelos participantes foram mapeados em relação à Zona Urbana de Patrocínio Paulista e, quando se tratavam da Zona Rural, foram indicados (*Figura 9*). Assim, foi possível identificar as localizações no território e a quantidade de vezes que os lugares apareceram nos mapas mentais, como apontado na sua legenda (*Quadro 1*).

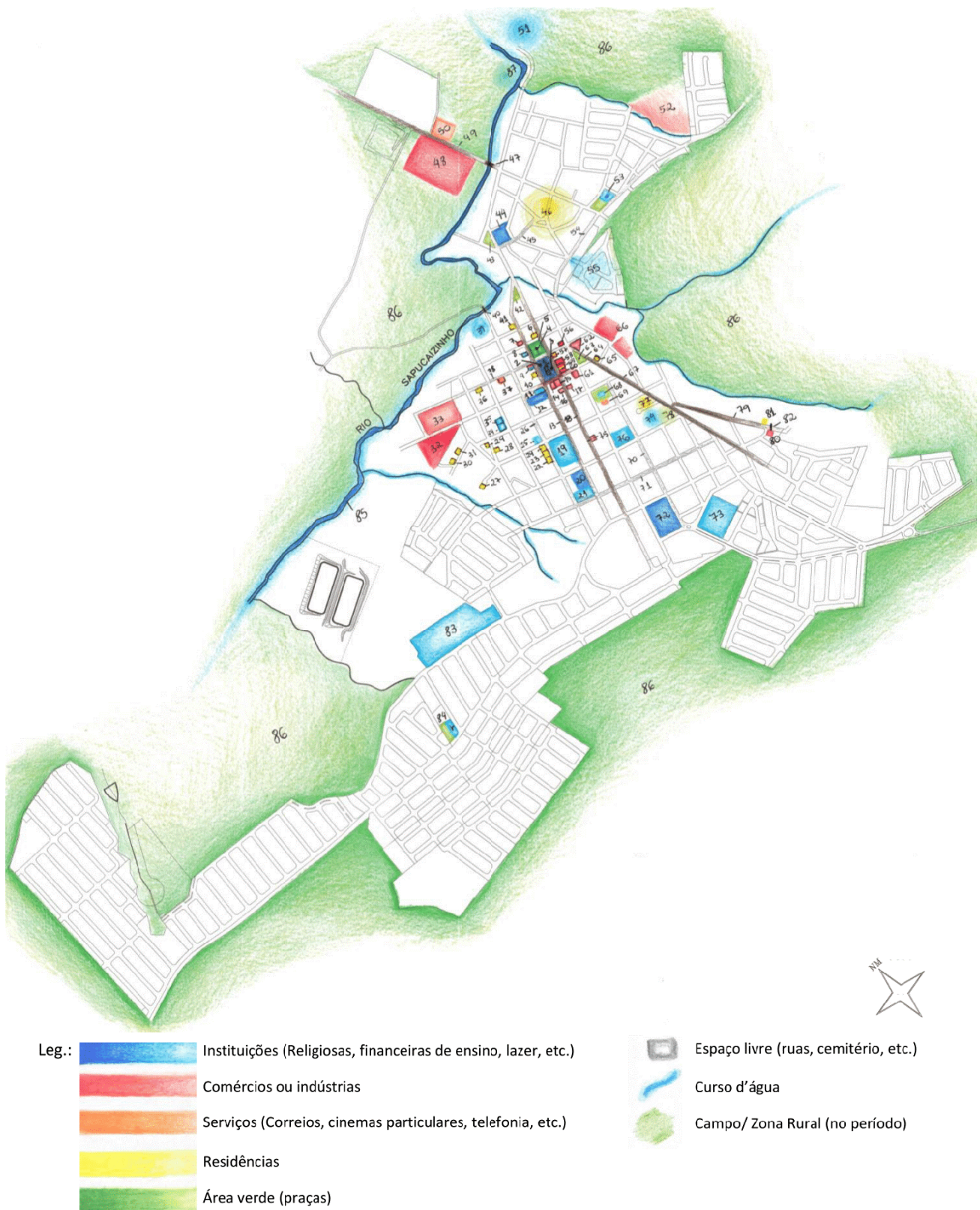
Conforme o mapeamento dos pontos destacados nos mapas mentais (*Figura 9*), é perceptível a concentração das referências no núcleo central, ou seja, nos bairros mais antigos, como o Centro, o bairro da Porteira, o Tabatinga e o Santa Cruz, com alguns elementos mais isolados nos bairros Vila Hípica, Nova Patrocínio e Jardim Coonai, além do grande vínculo com a zona rural ainda nos dias de hoje.

Compreendendo que um dos objetivos do trabalho era entender quais eram os suportes materiais mais representativos para essa comunidade e se realmente eles eram importantes para a identidade do grupo, ou se, para isso, as paisagens mais recentes da cidade eram suficientes, fica claro, a partir do mapeamento, que de forma geral, os lugares mais antigos da cidade são ainda muito presentes na memória e, principalmente, no cotidiano dessas pessoas, sendo que os elementos que os compõem são fundamentais para seus vínculos afetivos com o lugar. Dessa forma, reforça-se a necessidade de um olhar atento para o desenvolvimento de políticas patrimoniais adequadas ao contexto local.



FIGURA 8 – Mapa mental de A. M., 64 anos (Grupo Jovens Vividos).

Fonte: Autoras (2020).



Obs: As cores divididas em usos estão graduadas conforme a quantidade de vezes que cada ponto foi mencionado.

FIGURA 9 — Mapeamento dos pontos citados nos mapas mentais.

Fonte: Autoras (2020).

QUADRO 1 – Indicação dos pontos presentes no Mapeamento da Figura 9 (Quantidade de vezes).

1. Igreja Matriz (13)	31. Casa do Cinézio (Casa Maria José de Oliveira) (1)	61. Merceria Sr. Jerônimo Spinelli (1)
2. Coreto (4)	32. Curtume Treat (COPAL) (3)	62. Supermercado Bem-Te-Vi (1)
3. Estátua Cônego Peregrino (1)	33. Curtume Finipelli (1)	63. Obelisco (1)
4. Fonte/ Chafariz (4)	34. Orfanato (1)	64. Praça do centenário (2)
5. Praça Central (7)	35. Idem	65. Casa em que morou Ângela Vioto (1)
6. Casa do Capitão Firmino Rocha (1)	36. Casa de Marta Rocha (1)	66. Cooperativa de Laticínios (2)
7. Padaria Supimpa (1)	37. Dentista Dr. Carlos (1) / Correio / Telégrafo (1)	67. Avenida Carlos Gomes (2)
8. Caixa Econômica Federal (1)	38. Rua Major Álvaro (1)	68. Cadeia (delegacia) (1) e Praça da Bandeira (Representada por “Banco da Cadeia”) (1)
9. Farmácia (1) / Banco Bradesco (Pela localização no mapa mental, corresponde ao Banespa) (1)	39. Poço Artesiano (1)	69. Rodoviária (1)
10. Casa Paroquial (1)	40. “Pinguela” (1)	70. Rua Lourival Faleiros (1)
11. Salão Santo Agostinho (1)	41. Casa do Zé Neca (1)	71. Rua Álvaro Morgan de Aguiar (1)
12. CRAPA (3)	42. Praça do Garimpeiro (1)	72. Escola Estadual Jorge Faleiros (3)
13. Rua Cônego Peregrino (2)	43. Praça Altino Arantes (1)	73. Esporte Clube Meia Noite (1)
14. Bar do Ângelo (Anjo) (1) / Ponto da Jardineira (1)	44. Escola Irmãos Matos (4)	74. Local em que era comum receber Circos (1)
15. Bar Cruzeiro (1)	45. Rua Restinga (1)	75. Açougue Mauro Rezende (1)
16. Merceria do Fernando (1)	46. Casa de Regina Fernandes (Santa Cruz) (1)	76. Escola Luiz Andrade de Freitas (1)
17. Loja “A Sensação” (1)	47. Ponte da Saída (2)	77. Bambuzal (1)
18. Rua Coronel Antônio Jacinto (3)	48. Frigorífico (2)	78. Casa Amigos Maria Aparecida (1)
19. Santa Casa de Misericórdia (1)	49. Rodovia (Fábio Arruda Guidolin) + Rodovia Eng. Ronan Rocha (3)	79. Rua da Porteira (2)
20. Primeiro prédio da Escola Jorge Faleiros (3)	50. Pousada dos boiadeiros/ Chácara do Sr. Dario Faleiros (1)	80. Venda do Manézinho da Porteira (1)
21. Sociedade Recreativa X de março (1)	51. Prainha (1)	81. Casa que Maria Aparecida morou (Rua da Porteira) (1)
22. Casa Rita Faleiros (Anos 1960) (1)	52. Cuba para fabricar queijo parmesão (Queijos Mama) (1)	82. Porteira (1)
23. Casa Gorete Nerone (1)	53. Igreja Santa Cruz (2)	83. Clube Hípico (1)
24. Casa do ‘Totoim’ Joaquina (1)	54. Rua Itirapuã (1)	84. Igreja São Sebastião (1)
25. Antigo Centro de Saúde (1)	55. Torneio Leiteiro (1)	85. Rio Sapucaizinho (2)
26. Rua Coronel João Vilela (1)	56. Bazar das Novidades (Loja Sebastião Fernandes) (2)	86. Zona Rural (Fazendas, Escolas, Ponte Nova) (5)
27. Casa da família da Dona Oraide (1)	57. Açougue Helvécio / Casa de Aparecida do Nascimento (2)	87. Poção (1)
28. Casa do Zim (1)	58. Cine Flórida (4)	88. Quermesse de São Sebastião (2)
29. Favela do Domingos (1)	59. Snooker (1) e Casa da Olinda Carraro (1)	89. Carroça de Coleta de Lixo (Anos 1960) (2)
30. Casa do Sr. Nenê Goiano (1)	60. Loja Carraro (2) / Bar Higino Caleiro (1)	

Fonte: Autoras (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, destaca-se que a partir desse estudo feito com mapas mentais com um grupo de idosos da cidade, é possível compreender melhor o tipo de relacionamento que esses moradores possuem com o ambiente urbano, ao relacionar suas vivências e suas memórias com o sentido de pertencimento ao local.

Além do mais, a atividade de representar isso a partir do desenho faz com que o idoso volte o olhar para a cidade, refletindo sobre as paisagens que se mantiveram ou que se alteraram. Em muitos casos, há uma forte recordação de atividades que faziam parte de suas vivências, mas que apenas existiam com um suporte material presente.

Assim como S. F. finaliza seu poema, com a frase “Fui feliz sem saber” (*Figura 6*), o idoso se recorda saudoso de um tempo que viveu e o comparando com o atual, muitas vezes representado pela paisagem da cidade, testemunha as perdas decorrentes da falta de preservação do patrimônio urbano.

Dessa forma, as memórias evocadas se apresentam como fundamentais para a compreensão da evolução urbana, pois geralmente elas se ancoram nos elementos construídos e nos percursos feitos pelo traçado da cidade. Essa questão fica ainda mais explícita quando, mesmo após uma mudança de uso, a edificação é representada e vinculada com a experiência vivida.

Porém, compreende-se que a construção de uma narrativa histórica da cidade não dá conta da real dimensão da memória e, por isso mesmo, as políticas de preservação locais devem dar suporte a esse âmbito afetivo do patrimônio. Nesse sentido, destaca-se o papel tão importante das atividades de educação patrimonial com os próprios moradores do local. Essas ações geram um resultado que passa a documentar paisagens da cidade de acordo com o tempo, servindo de referência para comparações posteriores (do estado atual da cidade) e guardando parte do passado que já não existe mais materialmente.

Mais do que isso, esses diálogos com a comunidade se mostram de extrema importância para a construção de políticas de preservação do patrimônio mais efetivas, pois são fundamentais para a compreensão do que realmente é capaz de dar suporte à memória e ao sentido de pertencimento ao local, compreendendo também a responsabilidade do poder público em assegurar essas ações. Um exemplo bem claro disso é a falta de citações da estátua do garimpeiro, mesmo ela sendo uma das imagens mais presentes nas propagandas da cidade, apesar de não comparecer em nenhum dos mapas. Finalmente, nota-se que há a presença de muitos outros pontos pouco considerados no ponto de vista das ações patrimoniais, mas que, claramente, têm um valor afetivo muito grande para os moradores.

AGRADECIMENTOS

Aos funcionários da Prefeitura Municipal de Patrocínio Paulista, especialmente do Fundo Social, por possibilitarem as atividades com o grupo “Jovens Vividos” e, principalmente, aos idosos que colaboraram com o desenvolvimento dos mapas mentais.

NOTAS

1. Artigo elaborado a partir da Dissertação de ROCHA, B. A. G. intitulada "A preservação do patrimônio em cidades de pequeno porte: proposta de articulação entre a comunidade e o governo local em Patrocínio Paulista". Universidade Federal de Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/31155>. Acesso em: 4 mar. 2023.
2. O primeiro capítulo da Dissertação referida, denominado "Patrimônio cultural: ampliação de conceitos, ferramentas e ações" aborda mais profundamente o tema em questão, baseando-se em referências reconhecidas, como "Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)", de Márcia Chuva, livro no qual a autora analisa o período de criação do IPHAN, bem como o projeto de "construção da nação".
3. Ver mais sobre essas questões em Rocha e Cunha (2019).
4. Deve-se destacar a compreensão de que aspectos materiais e imateriais são indissociáveis no que se refere ao patrimônio, são dimensões complementares e nunca excludentes e neste trabalho, tratando-se de patrimônio imóvel, considera-se fundamental incluir as relações sociais a ele vinculadas.
5. Termo usado por Ecléa Bosi, uma das principais referências tratando-se da relação entre memória dos idosos e questões sociais, em seu livro "Memória e sociedade: lembranças de velhos" (BOSI, 2015).
6. Dentre alguns trabalhos que abordam o assunto, pode-se compreender mais sobre o processo do desenvolvimento dos mapas mentais e sua aplicação na percepção do espaço em Micrute e Kashiwagi (2014).
7. Ecléa Bosi denomina-os de "arrimos", que mantém as lembranças (passado) a partir da consciência atual (presente): "A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual" (BOSI, 2015, p. 55).
8. A noção de "lugares de memória" foi desenvolvida na obra *Les Lieux de Mémoire*, organizada pelo historiador Pierre Nora e editada pela Gallimard (Paris) a partir de 1984. Nesta obra monumental, conforme destaca Edgar de Decca, "O esforço desses historiadores representou, numa certa medida, uma tentativa de resgate de uma memória coletiva espontânea produzida por meio de símbolos, comemorações, livros e monumentos e que conservou lugares apropriados, não por um investimento particular e voluntário, mas por meio de vivências" (DECCA, 1992, p. 130). Essa relação entre a memória e um determinado espaço, se dá pelo fato de que geralmente nos lembramos de um acontecimento contido em um lugar, ou seja, a imagem daquele espaço retorna junto com a lembrança do fato. Ricouer (2007), trata dessa questão e mostra também que ela vem se desenvolvendo desde os gregos. Apesar disso, Pierre Nora (1993), é um dos autores mais citados quando se trata dos "lugares de memória", como lembretes ou apoios da memória, ao afirmar que "A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto" (NORA, 1993, p. 9).
9. Destaca-se que os nomes dos participantes foram suprimidos.
10. Importante ressaltar que não havia uma preocupação estatística (de buscar uma amostragem representativa de toda cidade) na realização das atividades de educação patrimonial na pesquisa de mestrado desenvolvida, mas de contemplar uma primeira aproximação com a comunidade e, no caso específico das oficinas de mapas mentais objeto deste artigo, o grupo de idosos.
11. Ressalta-se que esta questão fica bastante clara quando se faz uma comparação com as outras atividades de Educação patrimonial desenvolvidas com outras gerações durante a pesquisa de mestrado. Os adultos e, principalmente, os jovens apontam a estátua do garimpeiro como um dos elementos mais importantes para representação e identidade local.

REFERÊNCIAS

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 18. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

CHUVA, M. R. R. *Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2017.

DECCA, E. S. Memória e Cidadania. In: CUNHA, M. C. P. (org.). *O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992, p. 129-136.

DE PAULA, L. T. Mapa mental e experiência: um olhar sobre as possibilidades. In: *XVI Encontro Nacional de Geógrafos*, Porto Alegre, julho 2010. Disponível em: <http://geografiahumanista.files.wordpress.com/2010/07/luiz-tiago-de-paula.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2021.

FONSECA, M. C. L. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural, In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 59-79.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. *Patrocínio Paulista (SP)*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/patrocínio-paulista/panorama>. Acesso em: 4 dez. 2020.


LEANDRO, M. H.; CANTO, T.S. Mapas mentais no ensino de geografia: a cidade de Uberaba-MG pela memória e percepção dos alunos da universidade aberta à terceira idade – UFTM. *Formação Online*, v. 26, n. 48, p. 72-93, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/4479/5048>. Acesso em: 16 jan. 2021.

MICRUTE, R. L. R.; KASHIWAGI, H. M. O uso dos mapas mentais na construção da percepção espacial. In: PARANÁ, Secretaria da Educação do Estado. Superintendência de Educação. *Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE*, 2014. Curitiba: SEED/PR, 2016. v. 1. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_geo_artigo_regina_lucia_rocha_micrute.pdf. Acesso em: 31 de maio de 2020.


NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, v. 10, p. 7-28, 1993.

ROCHA, B. A. G.; CUNHA, C. R. A ampliação dos modelos de gestão do patrimônio: a importância da participação comunitária para as cidades de pequeno porte e com exemplares arquitetônicos modestos. *Revista CPC (USP)*, v. 14, p. 8-36, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/156189>. Acesso em: 3 dez. 2020.

BEATRIZ ALVES GOULART ROCHA

 0000-0002-5393-3846 | Universidade Federal de Uberlândia | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design | Uberlândia, MG, Brasil | Correspondência para/Correspondence to: ROCHA, B. A. G. | E-mail: beatrizgoulart@outlook.com

CLAUDIA DOS REIS E CUNHA

 0000-0003-2819-2852 | Universidade Federal de Uberlândia | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo | Uberlândia, MG, Brasil.

COLABORADORES

Este trabalho foi realizado em conjunto pelas autoras, sendo que B. A. G. ROCHA foi em grande parte responsável pela realização da oficina e coleta de dados de campo, e C. R. CUNHA contribuiu com a elaboração teórica e metodológica.

COMO CITAR ESTE ARTIGO/HOW TO CITE THIS ARTICLE

ROCHA, B. A. G.; CUNHA, C. R. Território (e memória) através do olhar dos moradores: oficina de mapas mentais com idosos. *Oculum Ensaios*, v. 20, e 235234, 2023. <https://doi.org/10.24220/2318-0919v20e2023a5234>

RECEBIDO EM

12/1/2021

VERSÃO FINAL EM

28/2/2022

APROVADO EM

10/3/2022

EDITOR RESPONSÁVEL

Jonathas Magalhães e
Renata Baesso